# CONFLITOS ESCOLARES E OS DESAFIOS À PRATICA DOCENTE NO ENSINO FUNDAMENTAL II

LUCIANA CANDIDO CAMARGO


## RESUMO

O assunto indisciplina escolar tem sido alvo de constantes pesquisas e discussões no campo da educação, se destacando como um dos principais motivos relacionados aos problemas no processo de ensino e aprendizagem, uma vez que este tipo de comportamento é prejudicial ao trabalho do professor e causa vários problemas nas relações interpessoais. Neste sentido, este trabalho de pesquisa tem como principal objetivo discutir sobre a indisciplina na escola. Visando atingir o objetivo proposto procedeu-se com pesquisa bibliográfica, com base em autores que já abordaram o assunto considerado. É preciso buscar meios que proporcionem melhora no espaço escolar objetivando uma aprendizagem significativa e para tanto tentar encontrar a origem desse problema possivelmente contribuirá para que aconteça essa melhora.


**Palavras-chave:** Indisciplina. Conflitos. Moral. Diálogo.

## INTRODUÇÃO

Apesar das mudanças sofridas durante a história, a escola ainda representa o espaço que o homem elegeu para socializar a sistematização do saber. A escola é o local em que se difundir o conhecimento que o ser humano considera essencial às gerações atuais e futuras, e que nenhum outro meio foi capaz de substituir.

Neste contexto, é importante trabalhar em paralelo aos temas pedagógicos, entre outros subtemas, as relações interpessoais nas escolas, buscando trazer para os alunos um convívio mais humano, resgatando o respeito as diferenças e o comprometimento entre aluno e professor por serem essenciais para a propagação de uma cultura de paz. Sendo assim, é fundamental que a escola em conjunto com a comunidade foque suas energias na construção de alicerces consistentes nos valores éticos e morais nos espaços escolares e no meio em que estão inseridas.

Assim como em todos os ambientes sociais a escola é um espaço para interação, troca de experiências e construção de relações, sendo estas saudáveis ou não, como ocorre em alguns casos de atritos que podem acontecer em diversas situações e são capazes de se estender e tomar diferentes proporções. É considerável que os alunos expressem seus sentimentos de uma maneira intensa, sendo ela alegria, tristeza, dor ou raiva, e, são através das interações, linguagem e educação que se dá o equilíbrio entre as ações.

É no ambiente pedagógico que as crianças e adolescentes passam grande parte do tempo, onde a escola tem como papel estimular o desenvolvimento da aprendizagem, do senso crítico, das aptidões e da formação de pessoas capazes de exercer a cidadania e viver em sociedade. Mas a rotina de conflitos e indisciplina nas escolas tem se tornado cada vez mais presente, e a escola tem se mostrado inapta a trabalhar com as afetividades dos alunos. Neste sentido tem-se os seguintes problemas de pesquisa: Os conflitos sempre partem das crianças? O professor consegue reverter essa situação e impor limite sem ser autoritário?

A motivação para abordar esse tema se deu por acreditar que a educação com base em valores éticos e morais é fundamental no sistema pedagógicos, pois, muitas vezes, no cotidiano das salas de aula existem conflitos de todos os tipos devido a diversidade que existe na sociedade. A discussão sobre o assunto se torna importante, pois há uma grande necessidade de buscar a estruturação de um trabalho paralelo, constante e consistente, proporcionando ao aluno confiança e segurança no espaço escolar, por meio de trabalhos que envolva projetos educacionais e diálogos na formação de valores éticos e morais.

Este trabalho de pesquisa tem como objetivo geral discutir sobre a indisciplina na escola. Visando atingir o objetivo principal desdobrou-se nos seguintes objetivos específicos: discutir sobre a indisciplina na escola; compreender o papel da educação moral no combate a indisciplina na escola e; investigar o papel do professor em meio a conflitos escolares.

A pesquisa em questão procedeu com base em revisão bibliográfica, por meio de materiais secundários procurando conhecer e analisar algumas contribuições de autores que já abordaram o assunto considerado. As informações coletadas foram registradas por meio de escritas e, a partir de então se elaborou os relatórios que foram divididos e separados por tópicos para um melhor entendimento e, assim, proporcionando algumas considerações sobre o tema.

## INDISCIPLINA NO ESPAÇO ESCOLAR

A escola é o principal instrumento responsável em fazer a mediação entre a sociedade e o sujeito, pois neste espaço são transmitidos, modelos comportamentais, culturas e moralidade essenciais para a humanização do sujeito, contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento da autonomia e o

fazendo pertencer a um grupo social (BOARINI, 2013).

A escola não é uma instituição isolada que tem por objetivo proteger o aluno contra os problemas sociais e outras questões advindas da má gestão governamental. Portanto, é preciso articular a vida pedagógica com a vida diária, articular o conhecimento pedagógico com os conhecimentos diários da sociedade, pois quando não acontece isso, há um distanciamento que pode acarretar problemas indisciplinares e desinteresse escolar, causando falha escolar (AQUINO, 1998).

De acordo com as informações da TALIS (Teaching and Learning International Survey), pesquisa internacional sobre ensino e aprendizagem, e coordenada pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), O Brasil está no topo da lista dos países dentre os quais se perde mais tempo em sala de aula com questões relacionadas à indisciplina dos alunos: cerca de 20% do tempo de uma aula (BRASIL, 2015).

Em todos os seus seguimentos a sociedade passa por grandes transformações e essas mudanças exigem transformações interpessoais, o que fundamenta a escola a polemizar a postura ética que atravessa a prática docente. Sendo assim, diante do elevado índice de indisciplina na sala de aula, toda a sociedade é martirizada. A escola tem como papel nutrir o convívio harmônico dentro de seu espaço, assim como na conexão com a comunidade local, porém como isso não ocorre é necessária à mediação de todos os envolvidos no processo educacional, isto inclui o órgão Secretaria Municipal da Educação (SME), comunidade escolar e sociedade civil (BOARINI, 2013).

A indisciplina só pode ser enfrentada com a participação de um todo, sendo, portanto, necessário repensar a relação do professor com o aluno, não debatendo apenas como interferência externa, mas sim o comportamento inadequado e a importância da disciplina. Pois, a disciplina não é um fator de controle sobre o aluno, mas um elemento facilitador das relações interpessoais e do processo de aprendizagem (PARRAT-DAYAN, 2010).

Segundo Nunes (2011) são necessárias práticas restaurativas, e a utilização de diferentes técnicas que facilitem a prevenção da violência utilizando de atividades inteligentes que podem ser aplicadas no cotidiano e em salas de aula. Estas práticas proporcionam aos professores habilidades fundamentais para resolver conflitos em desde os mais simples até os mais complexos, que venha a envolver toda comunidade social e escolar.

A indisciplina atravessa indistintamente escolas públicas e privadas e enganase as pessoas que supõe que este fenômeno esteja presente somente em determinados contextos. Embora diferentes significados sejam atribuídos a problemas e até mesmo aos próprios objetivos da educação, eles parecem sofrer o mesmo efeito, pois não se trata de um desprivilegio da escola pública, mas pelo contrário (AQUINO, 1996).

A violência tão presente na escola acaba destruindo os vínculos que existem entre as pessoas, se tornando cada vez mais prejudicial ao ser humano, considerando que, para resolver esse problema os gestores precisam compartilhar de práticas mediadoras. A esse respeito Aquino (1996) considera que a indisciplina, talvez seria o principal inimigo do professor em que o manejo das correntes teóricas não conseguiu propor respostas, visto que se trata de uma questão que ultrapassa o espaço estritamente pedagógico, imprevisto no ideário das diferentes teorias.

É certo que esse assunto passou ser configurado em problema interdisciplinar, transversal à Pedagogia, e deve ser tratado pelo maior número de áreas em torno das ciências educacionais (AQUINO, 1996). Portando, a preocupação com a indisciplina é um dos assuntos que mais mobilizam os pais e demais pessoas da comunidade escolar e, isso se agrava à medida que as pesquisas e estudos permeiam a esfera familiar e educacional.

## A EDUCAÇÃO MORAL NO COMBATE A INDISCPLINA ESCOLAR

Segundo Groppa (1996, p. 40) a visão da escola enquanto lugar de florescimento das potencialidades humanas parece que foi substituída "pela imagem de um campo de pequenas batalhas civis, pequenas, mas visíveis o suficiente para incomodar". Entretanto, embora a questão da indisciplina seja um fenômeno de conhecimento geral, sua importância teórica não algo nítido, tendo em vista as poucas obras dedicadas a esse problema, sendo, sem dúvida, um assunto de difícil abordagem.

Neste contexto, e diante dessa sociedade em que os valores estão em constantes discussões e questionamentos, a educação moral desempenha um importante papel na formação sujeitos e construção de uma sociedade mais justa. A formação moral da criança não é responsabilidade única e exclusiva da família, pois cabe também a escola local para aprender a lidar com a diferença e a conviver de modo democrático (AQUINO et al., 2013).

Trabalhar com a educação moral quer dizer a possibilidade do desenvolvimento de uma formação com intuito de proporcionar aos alunos uma atitude crítica constante, de reconhecimento das possibilidades e limites das circunstâncias e dos sujeitos, de problematização das relações, ações, valores e regras que os norteiam

(MULLER; ALENCAR, 2012). Pois, "essas

críticas apontam para métodos que

procuram sensibilizar de alguma forma os alunos para as questões morais" (BRASIL, 1997, p. 62).

No que tange a educação moral, o ideal uma reflexão por parte de todos os envolvidos ocorra, tendo em vista que sem reflexão não há educação (COUTO; ALENCAR; SALGADO, 2017). A formação de hábitos, valores que irá alicerçar toda sua vida, somado com a criação familiar, em sua maior parte é adquirido nos anos iniciais do ensino e, os professores, sendo em grande parte os responsáveis pelo processo educacional, promovem a construção de valores.

Todo sujeito, sobretudo o aluno, precisa de base morais sólidas, bem definidas, de maneira que saiba como proceder ao se deparar com os litígios, pequenos ou grandes, questionando aquilo que não é aceito, e tampouco aceitar tudo aquilo que lhe é colocado (COUTO; ALENCAR, 2015). É importante que todo professor tenha a consciência de transmitir princípios para seus alunos, considerando que esses serão as bases norteadoras da vida do aluno, sobretudo colocando seu ponto de vista diante de uma situação problema (SILVA; FERREIRA, 2014).

Com base na importância que a escola e consequentemente os professores têm na formação educacional dos valores morais, no papel do professor é preciso pensar sobre esta questão e ver qual o melhor modo de participar de modo a contribuir na formação de futuros cidadãos. Pois, "não é qualquer tipo de valor que deve ser adotado na formação moral dos indivíduos, bem como não é qualquer procedimento que promoverá a construção de personalidades éticas" (COUTO; ALENCAR; SALGADO, 2017, p. 11).

As crianças podem compreender o "não" vindo dos pais, porém são resistentes quanto a obedecer, portanto, não adianta falar não, sem que o contexto seja entendido pela criança. Neste sentido, o professor pode abrir espaços de diálogo com os estudantes, problematizando situações em que acreditam ser ou não necessário atender certas regras.

Silva e Ferreira (2014, p. 9) deixam claro que cabe à escola, e consequentemente ao professor "formar cidadãos críticos, reflexivos, conscientes de seus direitos e deveres, tornando-se aptos a contribuir para a construção e/ou desconstrução de uma sociedade visando à igualdade e justiça (DURKHEIM, 2012).

A escola não é a única responsável pela formação moral, mas tem um importante parcela de responsabilidade, considerando que ninguém nasce com os valores morais aprendidos e incorporados, pois, o ser humano, enquanto ser social, se desenvolve e aprende valores éticos e morais ao longo da vida (MENIN et al., 2014).

A escola é um espaço de aprendizagem e desenvolvimento e para que isso aconteça é preciso que o aluno não se sinta limitado pela equipe pedagógica ou por barreiras espaciais, simultâneo ao tempo em aprende a lidar com regras (DURKHEIM, 2012). E, isso, segundo Couto e Alencar (2015) parece ser uma grande dificuldade encontrada pela família e pela escola, que se deparam com o desafio de impor limites para as crianças, sem deixar traumas.

Portanto, a escola, enquanto uma das primeiras experiências da criança no meio social, é fundamental para essa aprendizagem, embora esse aprendizado não se dê por uma aula ou disciplina, mas sim de maneira institucionalizada (MENIN et al., 2014). A ética e a moral devem fazer parte da prática pedagógica e incorporada ao PPP (SANTOS; TREVISOL, 2016).

Nesse movimento os professores têm um importante protagonismo, que requer planejamento, persistência e monitoramento (AQUINO, 1996). Para que a escola ajude na formação de sujeitos capazes de resolver litígios coletivamente, com base no respeito discutido pela comunidade, o caminho passa pela formação moral, não como um conteúdo didático necessariamente, mas sobretudo no convívio com os alunos diariamente (DURKHEIM, 2012).

## O PAPEL DO PROFESSOR NA INDISCIPLINA ESCOLAR

A formação de professores traz consigo desafios visíveis do sistema educacional no país, entretanto, é inegável a importância do trabalho desse profissional. Porém, o professor não é o único responsável pelo quadro educacional, assim como também não é o único recurso para mudar essa realidade de indisciplina na escola, pois, vários fatores precisam ser pensados e discutidos, como: políticas públicas, investimentos, melhores salários, reconhecimento profissional, formação continuada etc. (RAMANOWSKI, 2007).

A construção identitária do professor, embora seja particular e defina cada profissional, não se constrói de forma única e sozinha, pois é forjada no fazer docente ao longo dos anos na escola. Portanto, isso significa que é passível de mudança. A educação é vista como prática social, e a identidade profissional de cada professor e, construída na relação com o momento cultural, político e histórico em que este profissional está inserido e exerce seu papel docente (SILVA; COMPIANE, 2015).

Diante disso, o trabalho do professor, assim como os saberes docentes que traz consigo, se constrói no coletivo. E, para exercer sua função no âmbito das instituições de ensino é preciso estabelecer um contato sadio com todos os membros da comunidade

acadêmica, afinal o que todo docente deve acreditar é que nessa relação com o outro que o ser humano cresce e se constrói (AQUINO, 1998).

Entretanto, a desvalorização do papel do professor, incentivado muitas vezes por pais e reforçado pelo governo através da imposição de um sistema falho de ensino tem crescido nas últimas décadas, e isso se deve também, muitas vezes, ao incentivo por parte dos pais, governantes e sociedade em geral, às crianças e adolescente lutarem por seus direitos sem considerar o direito do outro. E essas questões vieram a afetar as escolas no Brasil, sobretudo a partir da década de 1990, quando a educação se tonou um direito obrigatório assegurado pela Constituição de 1988 (BRASIL, 2015).

A escola, instituição até então da classe nobre foi obrigada a recebe alunos de todas as classes, que sofreram rejeição por não responder as exigências de uma instituição voltada para a elite. A escola é um ambiente que não se ajusta ao dia a dia dos excluídos, pois os sujeitos, crianças e ou adolescentes, que se comprometem com a família de modo precoce não dispõe de infraestrutura para realização dos estudos e muitas vezes não contam com a efetiva orientação dos pais para ajudarem nesse cenário. Todas essas questões problemas e várias outras que estão ao redor da escola podem acarretar indisciplina e afronta ao trabalho do professor (CALISSE; SILVEIRA, 2013).

A escola, se constitui em um dos espaços de desenvolvimento e socialização da criança, embora não pode ser pensada como um ambiente que substitui a família, mas como um espaço socializador distinto do familiar. Além de condicionar cuidados físicos, a instituição de ensino proporciona meios para o desenvolvimento simbólico, cognitivo, emocional e social, pois neste espaço é dado o cuidado e a educação dos alunos que ali frequentam, convivem, exploram, conhecem e constroem uma visão de si mesmas e de mundo (SILVA; FERREIRA, 2014).

O trabalho educacional desenvolvido nas escolas deve favorecer as ações de grupo, pois a interação com os pares proporciona um confronto no ponto de vista da criança. Deste modo, em situações discordantes se sentirão motivadas a rever seus conceitos e suas ideias, argumentando ou retificando (SOUSA; MOURÃO; DANTAS, 2017).

Neste momento é essencial a mediação do professor, proporcionando reflexão sobre o que está acontecendo, sem apresentar soluções prontas. É nos momentos de conflitos que os alunos possuem oportunidades para reflexão, chegando a uma conclusão, e assim, exercendo a autonomia, cuja essência é tornar as crianças aptas a tomarem decisões por si mesmas, sem interferência do adulto (MORGADO; DIAS; PAIXÃO, 2013).

O conhecimento ocorre somente em situações problemas, sendo assim, é necessário que o aluno entenda o problema e tenha o desejo de solucioná-lo, pois a solução é o caminho que levará até onde se deseja chegar. Portanto, questionar as crianças não somente em momento de conflitos, mas também em momento de conversação e brincadeiras estimula o seu raciocínio (ÁLVES, 2000).

A interação com o adulto e com outros alunos, faz com que o processo de socialização com os sujeitos se defronte com assuntos de cunho intelectual, afetivo e emocional com maior frequência, levando a construção da sua identidade e a traçar direções para conquistar a autonomia. Deste modo, a participação do professor nos momentos de interação aumenta o nível de interesse pelo aprendizado e conhecimento que a mesma proporciona e também pode contribuir para o esclarecimento de dúvidas referente as regras, porém é essencial respeitar o momento de cada descoberta realizada pelo aluno (MORGADO; DIAS; PAIXÃO, 2013).

É importante que o professor observe o aluno no momento de interação com o meio e com os demais alunos, pois nesses momentos ficam mais à vontade para conversar e representar várias situações de suas vivências ou de seu imaginário. Entretanto, os estudantes que passam por momentos conflituosos no espaço escolar tendem a ficarem desmotivados, deixam de buscar novos aprendizados, perdem o entusiasmo para questões desafiadoras entre outros aspectos negativos, comprometendo o aprendizado (BOARINI, 2013).

A indisciplina tem relação direta com ausência de limites a regras, porém na escola atos disciplinares agressivos, como: tirar notas, suspensão, tirar notas, etc. só tendem a aumentar os conflitos, o que causará ainda mais indisciplina. Cabe a escola e ao professor procurar meios para amenizar os problemas na sala de aula, assim, os professores em conjunto com os alunos devem dialogar, e colocar a situação em evidência de modo brando que desperte uma possível reflexão de que algumas ações de rebeldia e agressividade podem causar danos sérios, redirecionando desse modo possivelmente fluirão bons preceitos (CASTRO, 2010).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos grandes desafios da escola é contribuir para a formação ética e moral dos alunos. Portanto, é interessante que as escolas construam e problematizem a participação dos alunos na vida pública, o que demanda conscientizá-los sobre conflitos e a noção de limites. Porém, embora a escola tenha um importante parcela de responsabilidade na formação ética e moral dos alunos ela não é a única responsável.

Ninguém aprendido e incorporado com os conceitos de ética e moral, mas si, ao longo da vida, vai desenvolvendo e aprendendo. Neste sentido, a escola sendo uma das primeiras experiências sociais é fundamental enquanto espaço para essas aprendizagens. A escola deve se comportar de forma moral, zelando pelo respeito e bom convívio com todas as pessoas, pois esse aprendizado se dá forma institucionalizado.

Deste modo, diante dos referenciais estudados para embasamento teórico desta pesquisa depreende-se a importância de refletir sobre o ensino de valores éticos e morais essenciais para a vida em sociedade. Todos os sujeitos, em especial os alunos precisam de bases morais bem definidas para que desse modo estejam preparados para agir diante dos problemas, grandes e ou pequenos, questionar quando necessário e agir de modo autônomo nas tomadas de decisões.

Desafiadora e exaustiva, a indisciplina representa uma grande dificuldade para o trabalho do professor e representa uma ameaça ao processo de desenvolvimento social, psicológico e cognitivo do ser humano, causando conseqüências irreversíveis na vida dos sujeitos. É no ambiente escolar que as crianças e adolescentes permanecem a maior parte do tempo, onde a escola tem como papel estimular o desenvolvimento das aptidões, da aprendizagem, do senso crítico e da formação de cidadãos capazes de conviver no meio social.

Entretanto, a rotina de conflitos no espaço escolar tem sido cada vez mais presente, e as escolas tem se apresentado inapta a trabalhar com a afetividade dos alunos. Além disso, é visto que os professores demonstram cada vez mais um desgaste emocional com seus trabalhos e com os conflitos no bojo profissional que tem sido frequente no dia a dia escolar.

Além disso, é preciso investir em uma relação saudável e construtiva com os educandos, facilitando as situações de denúncia, por intermédio de uma escuta sensível. Neste contexto, a escola tem o papel de formar alunos críticos e cidadãos capazes de interferir no dia a dia, com intuito de melhorar a qualidade de vida no meio em que estão inseridos.

Enfim, é importante que a escola desempenhe seu papel social no combate a indisciplina, pois neste momento a escola é somente uma organização educacional, mas sim uma extensão da família. A violência é um assunto sério, portanto, ao trabalhar intrinsicamente com o desenvolvimento de valores morais, como a tolerância, o respeito, a empatia e a valorização do pluralismo contribuem para prevenir situações de desrespeito e violência.

A questão da indisciplina é tratada no contexto de diversas áreas do conhecimento, e, é preciso que os professores sejam sensíveis em relação ao assunto e, se atentarem a necessidade de cuidar por um convívio construtivo, que oportuniza a construção saudável dos alunos e o desenvolvimento de suas capacidades e potencialidades. Este tema não se esgotou com essa pesquisa, uma vez que é um assunto relativamente novo e ainda em construção na literatura, portanto, espera-se que novos estudos sejam realizados de modo apresentar novas considerações a respeito dos conflitos escolares.

SCHOOL CONFLICTS AND CHALLENGES TO TEACHING PRACTICE IN ELEMENTARY EDUCATION II


**ABSTRACT**

The subject of school indiscipline has been the subject of constant research and discussions in the field of education, standing out as one of the main reasons related to problems in the teaching and learning process, since this type of behavior is harmful to the teacher's work and causes several problems in interpersonal relationships. In this sense, this research work has as main objective to discuss about indiscipline in school. In order to reach the proposed objective, a bibliographical research was carried out, based on authors who have already addressed the subject considered. It is necessary to look for means that provide improvement in the school environment, aiming at a meaningful learning and for that, trying to find the origin of this problem will possibly contribute to this improvement.



**Keywords:** Indiscipline; Conflicts; Moral. Dialogue.


**REFERÊNCIAS**


ALVES, Luís A.M. A história da educação: uma introdução. 1. ed. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Biblioteca Digital, 2012. Disponível em: <http://ler.

letras.up.pt/uploads/ficheiros/10021.pdf>. Acesso em: 04 dez. 2022.

AQUINO, Julio G (Org.). Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. 13. ed. São Paulo: Summus, 1996.

AQUINO, Julio G et al. Família e educação: quatro olhares. 1. ed. Campinas: Papirus, 2013.

AQUINO, Júlio G. A violência escolar e a crise da autoridade docente. In. Cadernos Cedes. v. 9, n. 47, 1998, p. 7-19.

BOARINI, Maria L. Indisciplina escolar: uma construção coletiva. In. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Es-

colar e educacional. v. 17, n. 1, 2013, p. 123-131.

BRASIL. ECA nas escolas. 2015. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr. gov.br/arquivos/File/formacao_acao/1semestre_2015/agentes_eca_anexo1.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2021.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. 1.ed. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CASTRO, Mêire C. Indisciplina: um olhar sobre os distúrbios disciplinares na escola. In. Revista da faculdade Unicastelo. v. 1, n. 1, 2010, p. 1-24.

COUTO, Leandra L.M.; ALENCAR, Heloisa M. Educação Moral no Ensino Fundamental: prática docente de ensino da Justiça. In. Revista Psico. v. 46, n. 1, 2015, p. 90-100.

COUTO, Leandra L.M.; ALENCAR, Heloísa M.; SALGADO, Marcelo M. Educação em valores morais no Ensino Fundamental: juízos de professoras sobre a virtude da justiça. In. Revista Diálogo. v. 1, n. 35, 2017, p. 9-19.

MENIN, Maria S.S. et al. Os fins e meios da educação nas escolas brasileiras: representações de educadores. In. Revista Portuguesa de Educação. v. 27, n. 1, 2014, p. 133-155.

MORGADO, Alice M.; DIAS, Maria L.; PAIXÃO, Maria P. O desenvolvimento da socialização e o papel da família. 2013. In. Análise Psicológica. v. 31, n. 2. Lisboa, 2013. p. 129-144.

MULLER, Adriana; ALENCAR, Heloísa M. Educação moral: o aprender e o ensinar sobre justiça na escola. In. Educação e Pesquisa. v. 38, n. 2, 2012, p. 453-468.

RAMANOWSKI, Joana P. Formação e profissionalização docente. 1. ed. Curitiba: IBPEX, 2007.

SANTOS, Ana C.B.H.; TREVISOL, Maria T.C. A escola e o desenvolvimento moral do aluno: concepções, práticas e desafios dos profissionais da educação. In. Revista Educação PUC-Campinas. v. 21, n. 1, 2016, p. 19-29.

SILVA, Leonardo V. A violência na escola e as possíveis formas de prevenção. 2015. Disponível em: <http://www.pucrs.br/direito/wp-content/uploads/sites/11/2018/ 09/leonardo_silva.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2022.

SILVA, Luis G.M.; FERREIRA, Tarcísio J. O papel da escola e suas demandas sociais. In. Revista Periódico Científico Projeção e Docência. v. 5, n. 2, 2014, p. 6-23.

SOUSA, Janaína R.; MOURÃO, Ireuda C.; DANTAS, Otília M A N. As brincadeiras de papéis sociais na Educação Infantil. In. Formação de professores: contextos, sentidos e práticas. v. 1, n. 1, 2017. p. 9740-8752.